



**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO**

MIQUEIAS FARIAS DA SILVA

**Ressurreição:**

**Comentário em 1 Coríntios 15:35-49 e aplicações para a igreja atual**

Rio de Janeiro

2025

**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO CURSO DE BACHAREL EM  
TEOLOGIA**

MIQUEIAS FARIAS DA SILVA

**Ressurreição:**

**Comentário em 1 Coríntios 15:35-49 e aplicações para a igreja atual**

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Silveira

RIO DE JANEIRO

2025

## **2. FOLHA DE APROVAÇÃO**

**MIQUEIAS FARIAS DA SILVA**

**RESSURREIÇÃO: COMENTÁRIO EM 1 CORÍNTIOS 15:35-49 E APLICAÇÕES  
PARA A IGREJA ATUAL**

**Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.**

**Aprovado em: // \_\_\_\_\_**

**Banca Examinadora:**

**Prof. Dr. Leonardo Silveira (Orientador) Faculdade Batista do Rio de Janeiro**

**Prof. Flávio Martins (Convidado)**

## RESSURREIÇÃO:

### Comentário em 1 Coríntios 15:35-49 e aplicações para a igreja atual

Miquéias Farias da Silva

Dr. Leonardo Silveira

**Resumo:** Este artigo investiga a ressurreição, por meio do comentário do texto da primeira carta aos coríntios. O trabalho propõe a hipótese de que a igreja primitiva tinha uma compreensão literal da ressurreição do corpo, gerando esperança no meio do caos, e como a visão da ressurreição produz esperança em meio às crises atuais da igreja. Com base em fontes bibliográficas, o artigo é estruturado em três tópicos: a primeira parte dedica-se ao contexto amplo sobre a ressurreição no período da igreja primitiva; a segunda analisa o texto de 1Co. 15:35-49 através de comentários bíblicos; e a terceira propõe à igreja atual uma visão esperançosa no meio da morte e tristeza, por meio da certeza da ressurreição. A pesquisa busca enriquecer o entendimento teológico e prático do assunto, que é controverso e suscita questões sobre o futuro da igreja.

**Palavra chave:** Ressurreição, Paulo, Novo Testamento, Contemporâneo, Vida, Perspectivas, Atitudes.

**Abstract:** This article investigates the resurrection through an exegesis of the text from the First Letter to the Corinthians. The study proposes the hypothesis that the early church held a literal understanding of the bodily resurrection, which generated hope amid chaos, and explores how the vision of the resurrection can produce hope in the face of the church's current crises. Based on bibliographic sources, the thesis is structured in three sections: the first is dedicated to the exegesis of the biblical text; the second analyzes the perception of the resurrection among first-century Christians; and the third proposes to the contemporary church a hopeful vision in the midst of death and sorrow, grounded in the certainty of the resurrection. The research seeks to enrich the theological and practical understanding of this topic, which remains controversial and raises important questions about the future of the church.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2. CONTEXTO AMPLO SOBRE A RESSURREIÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>3. ESTUDO DE 1 CORÍNTIOS 15:35-49 .....</b>	<b>10</b>
<b>4. APLICAÇÕES PARA A IGREJA ATUAL .....</b>	<b>15</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>20</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem por temática a ressurreição e tem por objetivo entender como a igreja primitiva refletia sobre a ressurreição e como este tema pode influenciar na vida cotidiana da igreja hoje. Partindo do exposto, este artigo tem questões a serem investigadas: Como a igreja primitiva enxergava a ressurreição? Ela é literal? A igreja primitiva acreditava na ressurreição do corpo de forma física e que voltariam no mesmo corpo que morreram? Pregar mais sobre ressurreição traz esperança para a igreja atual?

Este trabalho de conclusão de curso, que tem por base materiais publicados, fará uso do método de fontes escritas, a pesquisa é um estudo acadêmico, com livros que auxiliam na construção de argumentos ou que moldam o pensamento do pesquisador sobre determinado tema. Através das pesquisas de caráter bibliográficas é possível rever conceitos e pré-conceitos sobre o tema sugerido, trazendo enriquecimento para o pesquisador em questão e, para investigar o tema proposto, será construído em três seções.

No tópico 1, “Contexto amplo sobre a ressurreição no período da igreja primitiva” apresentará como os cristãos do primeiro século enxergavam a ressurreição após o surgimento de Jesus e o que isso interferia em suas vidas.

No tópico 2, “Estudo de 1Coríntios 15:35-49”, trará comentários bíblicos do texto em questão, mostrando o real sentido e significado do texto.

Concluindo a pesquisa, o tópico 3, “Aplicações para a igreja atual” mostrará o que a reflexão sobre o assunto deve ser mais fomentado nas igrejas, para fins de esperança e senso de missão.

Destaca-se, finalmente, que a relevância deste trabalho e do seu tema encontra-se ligado na área teológica, pois o assunto é polêmico e levanta vários questionamentos sobre o futuro e como a igreja deve se portar perante essa certeza. Logo, o tema é teológico e prático

## **2. Contexto amplo sobre a ressurreição no período da igreja primitiva**

Para iniciarmos, é importante frisar que o evangelho de Jesus foi marcado pelo anúncio da era vindoura do Reino dos Céus, onde Ele é o alicerce deste reino e o detentor da soberania. No entanto, Jesus não aprofundou-se ou não detalhou em palavras sobre a ressurreição, mas, este tema estava incluído na era vindoura do Reino dos Céus. Jesus não se

aprofundou sobre o tema, mas a sua “demonstração” é um fato concreto e basilar da igreja, pois Ele ressuscitou.<sup>1</sup>

A ressurreição é a crença da vida após a morte, onde o justo retornará a vida com um corpo físico, espiritual e consciente. O cristão, entende que sem a ressurreição a vida perde o sentido e suas lutas e dificuldades no presente tornam-se mais desafiadoras. Deste modo, crer na ressurreição, tanto para os cristãos contemporâneos quanto para os do primeiro século é um ponto fulcral.<sup>2</sup>

Atos 23.7-9 ilustra com exatidão o contexto religioso judaico daquela época, dividido entre os que acreditavam na ressurreição e os que discordavam desta crença, negando a existência da vida após a morte. A partir disso, observamos algumas vertentes não cristãs quanto à ressurreição no período primevo da Igreja.

Os Saduceus, majoritariamente aristocráticos, eram conservadores aos escritos, se atendo apenas ao pentateuco como revelação de Deus para o povo. Isso interferia na visão de mundo e o futuro deste. Alguns motivos para a descrença deste grupo na ressurreição era: (1) para os saduceus, crer na ressurreição é um erro, pois não há indícios claros no Pentateuco sobre o tema. (2) Outro motivo para não crer na ressurreição, é a facilidade de cair no ato da necromancia, ou seja, adoração aos mortos; prática proibida fortemente nos primeiros textos da Bíblia. (3) Por último, segundo Wright, o motivo mais plausível é que a ressurreição sempre foi vista como uma doutrina revolucionária. Com base em Dn 12, a ressurreição acompanha a resistência e martírio, e para Isaías e Ezequiel, o tema é sobre YHWH restaurar o povo. O tema encorajou jovens à atacar símbolos romanos e assim dar início à guerra mais sangrenta do povo judeu no primeiro século. Portanto, para um grupo de aristocráticos, defender um tema “revolucionário” não era a melhor decisão.<sup>3</sup>

Os gnósticos, era um grupo elitizado intelectualmente, que envolvia grupos religiosos que influenciaram o mundo helênico entre os séculos I a V. O Gnosticismo representou um movimento místico, onde a sua base de interpretação do mundo estava nas escolas filosóficas gregas e egípcias. Para esses grupos, a alma tem origem no mundo luminoso superior ao terreno, no entanto, devido à queda da alma, a mesma tornou-se escrava e prisioneira do mundo inferior e terreno. Para os gnósticos, a alma encontra salvação quando a mesma é alimentada com muito conhecimento, não apenas das coisas exteriores referente ao mundo material, mas o conhecimento de si. Assim, o ser-humano torna-se superior ao mundo inferior

---

<sup>1</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 559 a 562

<sup>2</sup> CORBELLINI, Vital. *A fé na ressurreição da carne em Tertuliano*. p. 275

<sup>3</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 212 e 213

material e encontra a salvação da prisão física. Sobre Jesus, os gnósticos não entendiam como o Messias, mas como um homem muito iluminado, que apresentou o deus supremo a todos, e quem se autoconhecer como Jesus o fez, será “irmão” dele e se salvará da prisão que é o próprio corpo. Podemos definir, que ressurreição para esta linha de pensamento é algo impensável, uma vez que o físico é algo caído e inferior.<sup>4</sup>

Os fariseus, politicamente eram o grupo mais popular, e tomou o campo do debate para si após os acontecimentos do ano 70 d.C que deram fim às práticas e ritos praticados pelos saduceus e outros grupos religiosos e políticos, pois as crenças dos fariseus não estavam enraizadas apenas no templo e práticas ritualísticas, mas baseiam-se nos escritos e na espiritualidade. Eles acreditavam na ressurreição, baseando-se nos escritos do A.T. Os rabinos fariseus explicavam o seguinte sobre a ressurreição: que a ressurreição representava não apenas uma vida após a morte, mas um retorno corpóreo à vida após a morte. Acreditavam que os patriarcas e profetas ainda iriam ressuscitar, e que Deus ainda não cumpriu todas as promessas na vida desses homens que vieram anteriormente, mas que será cumprido na realização direta de YHWH na história, trazendo estes homens e mulheres novamente à vida. Portanto, concluímos que os fariseus acreditavam na ressurreição corpórea, se assemelhando ao movimento cristão daquela época do primeiro século.<sup>5</sup>

Já para a igreja primitiva, o termo “ressurreição” tinha o mesmo significado do que para os religiosos judeus, helênicos e pagãos. Ressurreição era atribuída a todo ser-humano morto que retornava à vida de forma corpórea. Para os helênicos, e parte dos judeus, essa “esperança” era incorreta, pois não acreditavam no retorno da vida à alguém que havia partido. Já os cristãos do primeiro século acreditavam literalmente neste ensinamento, pois contemplaram o seu mestre retornar dos mortos em carne e osso, e isto era suficiente para crerem e pregarem a ressurreição como fato e não como ideologia.<sup>6</sup>

[...] o cristianismo primitivo era inteiramente um movimento de “ressurreição” e que, de fato, declarava com precisão muito maior o que “ressurreição” envolvia exatamente (significava passar pela morte e sair dela para uma nova existência corpórea, e aconteceria em dois estágios, primeiro com Jesus e depois com todos os demais); segundo, que embora a “ressurreição” literal da qual os primeiros cristãos falavam permanecesse firmemente no futuro, ela também coloria e dava forma à vida cristã presente. (Wright, N. T. 2020, p. 309)

---

<sup>4</sup> PAVANI, Roney Marcos. **Gnosticismo: do autoconhecimento à heresia (séc. I – III)**. p. 34 a 45

<sup>5</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 283 e 295

<sup>6</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 307 e 308

Nos escritos do N.T, podemos observar várias referências à ressurreição e à concretude em relação ao que todos acreditavam naquele período. Os escritos também são a manifestação do pensamento contemporâneo da igreja primitiva.

Atos, é um forte indicativo do pensamento da igreja primitiva. O autor acredita em um destino para a igreja, onde haverá um julgamento, em que o próprio Jesus ressuscitado irá julgar à todos. E todos os que creem em Cristo serão vindicados.<sup>7</sup> Atos 10:40-43 diz:

Mas Deus o ressuscitou no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos. Jesus nos mandou pregar ao povo e testemunhar que ele foi constituído por Deus como Juíz de vivos e mortos. Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio do seu nome, todo o que nele crê recebe remissão dos pecados Atos 10:40-43

Ainda em Atos, podemos observar várias referências sobre o tema, como por exemplo, 2:22-36; 3:19-22,24,26; 4:1,2; 5:31; 13:30-33,38,39; 17:30,31; 23:6; 24:14-16,20,21; 25:18,19; 26:6,7,8,22,23. Pode-se observar que o tema da ressurreição é um dos planos de fundo do texto, e não apenas do texto, mas também, do pensamento cristão na igreja primitiva, a ressurreição. Esta, que é corpórea, física e real. Este ensinamento provocava esperança no cristão, devido ao julgamento realizado por Jesus tanto para os justos quanto para os iníquos.<sup>8</sup>

Por fim, os primeiros cristãos não viram apenas “sinais celestiais de Cristo”. Eles afirmavam que presenciaram a manifestação espiritual e física do corpo ressurreto de Cristo, em que os mesmos disseram que comeram e beberam com o Cristo ressuscitado.<sup>9</sup> Para concluir, podemos afirmar cinco coisas: (1) no cristianismo, a ressurreição passou de um debate periférico, para o centro da fé. (2) O cristianismo, no primeiro século, era uma corrente distinta das demais devido à mensagem da ressurreição do seu mestre. (3) Jesus dividiu o debate entre “antes e depois”, e modificou a percepção de como será o corpo dos futuros ressuscitados. (4) Por algum motivo os cristãos utilizaram vários textos para fundamentar a ressurreição de Jesus, mas não utilizaram outros, como Dn 12:1-3. (5) Diferente do Judaísmo daquelas época, “ressurreição” para os cristãos não era metafórico, mas literal, á não ser para representar momentos de “nova vida” do convertido.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 626

<sup>8</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 631

<sup>9</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 663

<sup>10</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 712

### 3. Estudo de 1Coríntios 15:35-49

A primeira carta aos coríntios foi escrita pelo apóstolo Paulo, com o intuito de esclarecer questões pontuais para a Igreja de Corinto, que estava causando divisões e contendas entre si. As informações foram recebidas por Paulo através dos irmãos da igreja de Corinto, da casa de Cloé. Após ser informado, Paulo exorta os irmãos sobre as divisões de poder no capítulo 3. Imoralidade, pecados de incesto e litígios, entre os capítulos 5 e 6 da carta. Casamento e comidas sacrificadas aos ídolos são respondidas nos capítulos 7 e 8. O capítulo 10 aborda sobre a idolatria. Já os três problemas seguintes e finais são relacionados à ordem de culto nos capítulos de 11 à 14, que são, os abusos da ceia do Senhor e as distribuições dos dons espirituais. Por fim, quando Paulo adentra o assunto da ressurreição no capítulo 15, está fechando com chave de ouro as suas argumentações sobre o motivo de viver em retidão, pois a ressurreição para a vida eterna é o destino de todo cristão genuíno.<sup>11</sup>

No capítulo 15, Paulo parece mudar o foco, mas sem sair do seu objetivo, que é exortar a igreja. No entanto, o assunto a seguir é mais do que pertinente, pois a ressurreição é um ponto crucial para a fé cristã, que Paulo deveria defender entre os coríntios, em razão da incredulidade de “alguns de vocês” como ele mesmo alega no verso 12. O apóstolo apresentará a sua defesa em três partes. A primeira é a afirmação de que Cristo ressuscitou dentre os mortos<sup>12</sup>, nos versos de 1 a 11. Gordon D. Fee afirma: “Isso é apresentado para enfatizar a realidade objetiva tanto da morte de Cristo quanto da sua ressurreição física”(FEE, Gordon D. 2020 p. 906, 907). No segundo ponto, dos versos 12 a 34, Paulo usa a argumentação da contradição, em razão da afirmação de que Cristo ressuscitou, mas que os mesmos que afirmam isso diziam não acreditar na ressurreição<sup>13</sup>. Russell Norman Champlin afirma o seguinte sobre o grupo que Paulo estava debatendo em relação a ressurreição:

1. Poderiam ser judeus na variedade dos *Saduceus*, ou seus discípulos (Ver. Atos. 22:23).
2. Poderiam ser Cristãos que imaginavam que a ressurreição já *ocorrera*, não aceitando mais qualquer esperança futura (como Himeneu e Alexandre, que são mencionados em II Timóteo. 2:17,18).
3. Mas a corrente principal de oposição provavelmente provinha das classes intelectuais, e daqueles por elas influenciados, os quais, como os habitantes de Atenas, zombavam da ideia da ressurreição. (Ver Atos 17:32). (CHAMPLIN, Russell Norman. 1989, p. 234)

---

<sup>11</sup> CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. p. 287, 288 e 289,

<sup>12</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. p. 906

<sup>13</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. p. 907

Paulo bate o martelo quando diz que se Cristo não ressuscitou, logo tudo está perdido e sem sentido. Gordon D. Fee diz: “Eles deixam de existir completamente como cristãos, visto que tanto seu passado quanto seu futuro dependem daquilo que agora negam.”(FEE, Gordon D. 2022, p. 907). E a terceira argumentação é uma análise de como será o corpo ressurreto, nos versos 35 a 49. Os pontos levantados pelo apóstolo não são com que poder, mas de que forma serão os corpos, fazendo um contraste entre corpo espiritual e corpo terreno, onde os que “dormem” e os vivos, serão transformados e terão seus corpos glorificados e a morte vencida para sempre.<sup>14</sup>

Neste momento, o nosso estudo encontra-se no centro da perícopes base, os versos 35 a 49. De acordo com N. T. Wright, Paulo faz uma ligação entre Gn 1,2 e 1Co 15:35-49, demonstrando uma nova gênese sendo formada através do Último Adão, que por Ele tudo será transformado.<sup>15</sup> Wright levanta três pontos hermenêuticos em relação aos versos em que o artigo propõe aprofundar-se, que são eles; (1) afirmação da ressurreição corpórea, (2) ressurreição corpórea, mas que será diferente da ressurreição corpórea simples sem transformação e, (3) o Messias como o Último Adão e início da nova era, mas não apenas como modelo, mas em poder para transformar toda a criação.<sup>16</sup> Mas, o nosso estudo seguirá analisando exegeticamente a perícopes dos versos 35 a 49, dividindo em duas partes, dos versos 35 a 44 e 45 a 49, concluindo a segunda etapa do artigo.

Os versos 35 a 37 abordam as analogias e “corpos”. N. T Wright afirma, em sua análise sobre o verso 35, que as duas perguntas estão expressando ideias distintas.<sup>17</sup> “As duas perguntas não parecem ser formas diferentes de se referir à mesma coisa, mas sim de colocar em foco ideias diferentes”(Wright, N. T. 2020, p. 482). Ou seja, o ponto não é como será o corpo, mas com que poder serão ressuscitados.<sup>18</sup> Paulo levanta essa questão através dessas perguntas, justamente para expor a incredulidade e ceticismo dos cristãos envolvidos nesse assunto.<sup>19</sup> Nos versos 36 a 37, o apóstolo responde energicamente (Tolo!), afirmando que tal incredulidade não é apenas uma bobagem, mas a falta de confiança em Deus.<sup>20</sup> Aquele que não acredita que Deus pode ressuscitar os mortos é insensato, e não possui o discernimento espiritual de um cristão verdadeiro.<sup>21</sup> A resposta à esta incredulidade, Paulo faz uma analogia

---

<sup>14</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. p. 907

<sup>15</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 479

<sup>16</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 480, 481

<sup>17</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 482

<sup>18</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 482

<sup>19</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. p. 987

<sup>20</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. p. 987

<sup>21</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo**. p. 261

com as sementes. O ponto em questão não é a morte mas sim a esperança da nova vida após a morte.<sup>22</sup> Gordon D. Fee afirma:

Paulo está falando da morte como a pré-condição da vida vindoura, e não no sentido de que *todos têm de morrer*; mas no sentido de que a semente em si demonstra que *a partir da morte* brota uma nova expressão de vida. Os propósitos de Deus não são frustrados pela morte; assim como acontece com a semente, o que é semeado na morte é trazido à vida. (FEE, Gordon D. 2022, p. 988)

Desta forma, o alvo do apóstolo é afirmar a ressurreição dos mortos, e a própria experiência dos leitores contemporâneos do escritor, através da experiência na semeadura dos grãos em suas lavouras comprovam que há vida após a morte.<sup>23</sup> O verso 37 complementa o verso 36, que a ênfase não está na fraqueza e morte do corpo, mas na sua transformação. Portanto, tudo está indicando e sendo conduzido para “o corpo que será”, a ressurreição.<sup>24</sup>

No verso 38, o versículo está respondendo a pergunta inicial “com que tipo[...]”, deixando claro que é uma ação de Deus.<sup>25</sup> “É por isso que o interlocutor foi chamado de tolo (v. 36); essa pergunta deixou Deus de fora.”(FEE, Gordon D. 2022, 989) O apóstolo também fala de descontinuidade, a semente e a planta não são a mesma coisa.<sup>26</sup> “Paulo mostra cuidado ao descrever o corpo presente, a ‘semente’, como ‘nu’: ele ainda não está ‘vestido’ como um dia estará”(Wright, N. T. 2020, p. 483). Ou seja, Paulo deseja enfatizar que a ressurreição é uma obra da parte de Deus por meio da graça, e não por força humana.<sup>27</sup>

Os versos do 39 ao 41, formam quase um quiasmo perfeito. O verso 39 “corpo terrestre”, o verso 41 “corpo celeste”, e centralizado e conectando os dois “corpos”, está o verso 40, “uma é a glória dos celestes, e outra, a dos terrestres”.<sup>28</sup> É importante ressaltar, que o termo usado no grego por Paulo é *epigeios*, “sobre a terra”, que está relacionado à localização e não a forma ou transcendência. Se observarmos os versos 47 a 49, o termo usado é *choikos*, “terreno”, indicando a composição física, a substância.<sup>29</sup> Para Paulo, o problema do ser humano não é o corpo em si, como pensavam Platão e Cícero, para o apóstolo, o corpo não é ruim, mas o pecado que tomou residência desse corpo que provocou os males na sociedade e no corpo em si.<sup>30</sup> “Ser humano é bom; ser um humano corpóreo é bom; o ruim é ser um humano rebelde, decadente, e desonrado através do pecado corporal e da morte

---

<sup>22</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 988

<sup>23</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 988

<sup>24</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 989

<sup>25</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 989

<sup>26</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. p. 483

<sup>27</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. p. 483

<sup>28</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 990

<sup>29</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. p. 484

<sup>30</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. p. 486

corporal.”(Wright, N. T. 2020, p. 486) De acordo com N. T. Wright, Paulo e Platão distinguem-se na forma de enxergar o corpo e a alma. Wright afirma:

O que Paulo deseja, ao considerar sua terminologia em seu visível valor, não é deixar a alma voar livre para um suposto lar astral, mas fazer com que a “alma”, a *psyche*, deixe de ser o princípio animador do corpo. Precisamente porque a alma não é, em sua opinião, a substância ígnea imortal que é para Platão, ele entende que a verdadeira solução para a difícil situação humana é *substituir* a “alma” como princípio animador do corpo pelo “espírito” - ou melhor, o Espírito. (Wright, N. T. 2020, p. 486)

Nos versos a seguir, 42 a 44, o apóstolo está concluindo o argumento inicial, utilizando o termo “semeado” para linkar com as analogias precedentes nos versos 35 a 39, no entanto, incluindo juntamente o termo “ressuscitado”.<sup>31</sup> Ele utiliza o contraste dos “corpos”, para exprimir a diferença entre o “corpo presente” e o “corpo futuro”, e é importante frisar que ele não fala do “corpo morto”, mas do “presente” e o “futuro”, afirmando a transformação do corpo.<sup>32</sup>

É necessário abordar o último contraste utilizado pelo apóstolo, *soma psychikon* e *soma pneumatikon*, e é nesta parte do texto que há grandes problemas exegéticos e interpretativos. De acordo com Wright, as traduções da King James traduziram os termos por “corpo natural” e “corpo espiritual”, abrindo margem para outras traduções interpretarem o *psyche* por “físico”, seguindo os pensamentos de Platão - sobre não haver corpo físico na ressurreição - ao invés de Paulo, que por sua vez enxerga a ressurreição dos crentes como a ressurreição física de Jesus.<sup>33</sup> Wright argumenta que se Paulo desejasse transmitir algo físico com algo não físico, ele usaria a palavra *psyche* para transmitir a ideia do material. Wright ainda afirma:

Se por acaso um leitor grego do primeiro século se deparasse com uma frase contendo o termo *psychikos*, contrastando com qualquer outra coisa, ele ou ela poderia perfeitamente esperar que, caso houvesse um contraste entre “físico” e “não físico” adiante, *psychikos* se referiria ao lado não físico, e qualquer coisa que fosse contrastada com ele seria visto como mais firmemente corpóreo, mais substancial. (Wright, N. T. 2020, p. 488, 493)

Ainda neste ponto, o autor N. T. Wright afirma que, apenas a tradução da Bíblia de Jerusalém é a única séria que tenta traduzir este trecho com clareza: “quando a alma é semeada incorporada, então o espírito é ressuscitado incorporado. Se a alma tem própria incorporação,

---

<sup>31</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 992

<sup>32</sup> FEE, Gordon D. *1Coríntios: comentário exegético*. p. 992

<sup>33</sup> WRIGHT, N. T. *A ressurreição do Filho de Deus*. p. 488, 489

da mesma forma o espírito tem sua própria incorporação (1Cor 15.43b-44)”.<sup>34</sup> Portanto, Wright afirma que a vida *psychikos*, ou seja, a vida humana comum atual, pode ser habitada pelo o Espírito, e o destino final dos *pneumatikos* (crentes), expressado por Paulo, é a ressurreição corpórea através do *pneuma*, corroborado por Rm 8.8-11.<sup>35</sup>

Os versos 45 a 49 abordam "Os dois Adões". A partir de agora, Paulo retorna ao que disse nos versos 21 e 22, afirmando que assim como os que morreram em Adão, também ressuscitarão em Cristo. A intenção de Paulo no verso 45 é expressar o contraste entre o corpo ressuscitado com base na analogia de Adão e Cristo.<sup>36</sup> O Apóstolo, ilustra que os dois corpos, “semeado” e “ressuscitado”, estão representados nos dois “Adões”. O primeiro Adão recebeu o corpo da *Psyche*, e portanto, morre e sofre os males da *psyche*, por outro lado, o Último Adão representa o corpo da *pneuma*, e não apenas representa, mas também é a fonte de todos os que receberão futuramente o corpo *pneumatikos*.<sup>37</sup> De acordo com Gordon D. Fee, “Parece que a ideia de Paulo é que alguém pode assumir plena existência *pneumatikos* apenas como Cristo fez, pela ressurreição, que inclui um corpo *pneumatikos*.”(FEE, Gordon . D, 2022. p. 999).

Se opondo aos coríntios, que afirmavam já está em estado de espiritualidade plena, no verso 46, Paulo coloca em ordem os eventos na transformação total do corpo, alertando-os que o corpo atual é da *psyche*, mas virá outro corpo que será preenchido pelo o *pneuma*.<sup>38</sup> De acordo com Gordon D. Fee, “[...] o *psychikos* vem primeiro e tem um corpo, o *pneumatikos* que vem depois também tem um corpo, um corpo transformado apropriado à vida espiritual escatológica.” (FEE, Gordon D. 2022, p. 1001) Conforme N. T. Wright, “Ele capacitará os demais seres humanos, não para que escapem do mundo físico regressando a uma “imagem de Deus” original, mas para que prossigam portando, no novo corpo ressuscitado, a “imagem do homem do céu.” (Wright, N. T. 2020, p. 496).<sup>39</sup>

Um ponto a ser debatido é o verso 47, em que muitos afirmam que a intenção de Paulo é referir-se à origem dos corpos, “terrestre” e “celestial”, no entanto, Paulo não está saindo da linha de pensamento, mas o apóstolo utiliza das palavras “terrestre” e “celestial” como analogia dos termos *psyche* e *pneuma*. De acordo com Gordon D. Fee, quatro razões contradizem essa linha de pensamento.<sup>40</sup> (1) O contexto. Paulo refere-se não ao local, mas

---

<sup>34</sup> WRIGHT, N. T. A ressurreição do Filho de Deus. p. 494

<sup>35</sup> WRIGHT, N. T. A ressurreição do Filho de Deus. p. 494, 495

<sup>36</sup> FEE, Gordon D. 1Coríntios: comentário exegético. p. 998

<sup>37</sup> FEE, Gordon D. 1Coríntios: comentário exegético. p. 999

<sup>38</sup> FEE, Gordon D. 1Coríntios: comentário exegético. p. 1001

<sup>39</sup> WRIGHT, N. T. A ressurreição do Filho de Deus. p. 496

<sup>40</sup> FEE, Gordon D. 1Coríntios: comentário exegético. p. 1002

sobre a sua existência *somática*. Um corpo “do céu”. (2) A gramática. O “feitos da terra” é nominativo, que acompanha “terrestre”, na intenção de falar sobre o corpo e não do local. (3) Os versículos seguintes. Os cristãos compartilharão a experiência dos dois corpos, o corpo atual oriundo de Adão e o corpo de Cristo - igualmente ao dEle (*pneumatikos*) - na ressurreição. (4) A contradição. Estaria contradizendo-se sobre o que expôs no verso 45, sobre *pneumatikos*.<sup>41</sup>

Por fim, os versos 48 e 49 concluem a perícopa analisada exegeticamente. Segundo Gordon Fee, a Igreja dos Coríntios entendia-se como pessoas “espirituais” e portanto, as suas ações e comportamentos não eram relevantes para a vida cristã, pois a vida “espiritual” não era afetada pela vida “terrena”.<sup>42</sup> O apóstolo investe uma grande parte da carta para afirmar as duas vidas, a “terrena” e a “celestial”, indicando que a vida terrena é relevante hoje e traz implicações para a vida celestial, pois o fato de crer na vida celestial, a vida terrena será moldada para receber a incorruptibilidade posteriormente após a morte e ressurreição.<sup>43</sup>

De acordo com Wright, ele afirma:

A ideia não é escapar da terra e finalmente se ver no céu, mas deixar que a presente vida “celestial” mude a presente realidade terrena. Afinal de contas, céu e terra são os irmãos gêmeos na criação que, de acordo com o coração da passagem que Paulo tem em mente através desse capítulo, o criador declarou ser “muito boa”. (Wright, N. T. 2020, p. 498)

O verbo “portar” (*phoreo*) geralmente é usado no grego para “vestir”, no sentido de utilizar vestimentas, se cobrir com roupas. Portanto, quando o apóstolo utiliza esse termo, ele deseja impor a mesma ideia de Colossenses e Efésios, afirmando que assim como nos *portamos* como o homem terreno, nós também *portaremos* a imagem do homem celestial.<sup>44</sup>

Concluimos, que a intenção do apóstolo era afirmar, para os irmãos da igreja de Corinto, que eles ainda iriam ressuscitar e que essa ressurreição será física. No entanto, haverá uma distinção no componente do corpo atual para o corpo ressurreto. Pois o corpo ressurreto será dominado pelo o *pneuma* ao invés da *psyche*, como é dominado o corpo atual. Portanto, todo cristão precisa olhar para o futuro com esperança e não com medo.

#### 4. Aplicações para a igreja atual

Após analisarmos o contexto da igreja primitiva e aprofundarmos no texto bíblico, aplicaremos as informações à igreja atual. E, pedir para um cristão repensar sobre a

---

<sup>41</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegetico**. p. 1003

<sup>42</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegetico**. p. 1006

<sup>43</sup> FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegetico**. p. 1005

<sup>44</sup> WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. p. 498

ressurreição pode parecer ofensivo ou presunçoso, até porque, na prática, uma das festas mais importantes para o cristão é a páscoa, festa essa que deveria representar a “libertação” através da ressurreição de Jesus. Mas para este cristão, esta festa simboliza o que Cristo fez por ele na cruz. Morreu.<sup>45</sup>

A mensagem mais pregada hoje pela igreja é a mensagem da cruz, e não está errado, - até porque a cruz é um pilar para a fé cristã. No entanto, a ressurreição tem se tornado um assunto secundário na prática da igreja desde Constantino. Os símbolos utilizados pela igreja para indicar o cristianismo é a cruz. Os enfeites religiosos se assemelham à cruz.<sup>46</sup> Blank afirma: “No centro da representação iconográfica, através da qual os cristãos o seu símbolo de auto-identificação, não encontramos um símbolo da ressurreição, mas um símbolo de morte, a cruz.” (BLANK, Renald. 2003, p. 9)

O doutor Renald Blank, afirma que a ênfase apenas na cruz pode gerar pensamentos de sofrimento e desesperança e uma falsa adoração ao criador, gerando mais medo do que amor. Demonstraria também um deus cruel que matou o seu próprio filho, não indicando uma solução para os problemas do ser humano. Blank é contundente, citando o apóstolo Paulo, na primeira carta aos Coríntios:<sup>47</sup> “A cruz sem a ressurreição permanece aquilo que Paulo diz: escândalo e loucura abominável (1Co 1,23)” (BLANK, Renald. 2003, p. 9).

Pe. Eduardo da Silva Santos, cita o teólogo Joseph Ratzinger ao falar sobre o tema da ressurreição na igreja atual:

Joseph Ratzinger chama ao fato de que se hoje perguntamos ao cristão comum, seja ele protestante ou católico, intelectual ou não, o que diz o Novo Testamento sobre a sorte individual do homem depois da morte, com poucas exceções a resposta seria: a imortalidade da alma. E esta resposta, formulada desta maneira, representa um dos maiores equívocos do cristianismo. (SANTOS, Eduardo da Silva. 1997, p. 14)

Tradicionalmente, na teologia, afirma-se que após a morte o corpo se decompõe e a alma - que é imortal - permanece viva, e receberá sua recompensa, que será uma vida eterna ou uma morte eterna. No entanto, diferenciando do platonismo, a teologia não condena o corpo como algo inferior e merecedor da destruição, pelo contrário, a alma que está viva, retornará para o corpo, que por sua vez ressuscitará. Este “ser-humano pleno”, gozará da vida eterna, ou lamentará a morte eterna, de forma completa, com alma/espírito e corpo.<sup>48</sup>

Ao crente não está possibilitada a visão de como tudo irá realmente acontecer no futuro, no entanto, escatologicamente, à esperança de uma vida eterna, onde o seu corpo será

---

<sup>45</sup> BLANK, Renald. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição.** p. 9

<sup>46</sup> BLANK, Renald. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição.** p. 9

<sup>47</sup> BLANK, Renald. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição.** p. 13

<sup>48</sup> SANTOS, Eduardo da Silva. **A Ressurreição da Carne.** p. 15

transformado em glória. O Espírito que habita nele, é o mesmo que ressuscitou a Cristo, e isto basta para que haja esperança de vida em todo crente. A partir da ressurreição, a morte terá o fim absoluto. Apenas na perspectiva da ressurreição, é que encontra-se sentido para a vida.<sup>49</sup>

A partir disso, pode-se afirmar que a crença na ressurreição resolve a crise existencial da humanidade. Ronald Blanck em seu livro *Escatologia da Pessoa: Vida, Morte e Ressurreição*, cita o filósofo existencialista Kierkegaard, que diz:

Saber que o homem é comida para vermes. Este é o terror: ter emergido do nada, ter um nome, consciência do próprio eu, sentimentos íntimos profundos, um cruciante anelo interior pela vida e pela autoexpressão e, apesar de tudo isso, morrer. Parece uma burla, pela qual um tipo de homem cultural se rebela ostensivamente contra a ideia de Deus. Que espécie de divindade criaria tão complexa e extravagante comida para vermes? (BLANCK, Ronald. p 35)

De acordo com G. K. Beale, o cristão, que acredita na ressurreição, está caminhando para um novo mundo, onde herdará um novo corpo, do “novo homem”, no entanto, por viver ainda neste mundo, terá que lidar com a influência do pecado neste plano terrestre. Neste contexto, o mundo está imergido em crises existenciais, provocadas por não saber para onde está caminhando. Mas, para o cristão que espera pela vida eterna, esta crise é inexistente, pois, o “novo homem” está transformando aos poucos a vida desse cristão, que ressuscitará para vida eterna, física e espiritual.<sup>50</sup>

Beale, seguindo os ensinamentos de Paulo, afirma que a igreja é o novo templo do Senhor, onde o próprio Deus habita. 2Coríntios 5 é a reconciliação do Senhor com seu povo, através da igreja, que está em um processo de exílio, saindo de sua falta de fé e incredulidade, e seguindo para a restauração de um “novo céu e uma nova terra”. O cristão é, portanto, onde o Senhor habita hoje, preparando este cristão para a eternidade. O exílio é a saída do estado da “velha criação”, caminhando para uma “nova criação” - “...as coisas velhas já passaram” - onde o crente foi tocado pelo Espírito Santo, está sendo transformado, edificado para este novo mundo. Ou seja, Deus está preparando o seu povo para a ressurreição, estado perfeito para habitar no novo céu e nova terra.<sup>51</sup>

Com base nessa certeza de que haverá um novo céu e uma nova terra para os ressurretos em Cristo, Paulo afirma que todo cristão precisa perseverar na fé em Cristo. Pois, a perseverança é um elo com o Senhor que permaneceu firme em seu leito de morte, e perseverou até o fim, mesmo com dores e dificuldades. Paulo, então, encoraja os cristãos a

---

<sup>49</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. p. 209, 210

<sup>50</sup> BEALE, G. K. *O templo e a missão da igreja*. p. 711

<sup>51</sup> BEALE, G. K. *O templo e a missão da igreja*. p. 719, 720

perseverar em meio aos problemas. “Portanto, meu amados irmãos, sedes firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor o vosso trabalho não é vão” (1Co 15:58).<sup>52</sup>

A palavra “perseverar” no grego é *hupoméno*, que significa “permanecer ou ficar embaixo”, pode-se afirmar também como “aguentar, não fugir, ficar firme”. Soares, cita William Barclay em seu artigo, quando referindo-se à perseverança:

Ela é o espírito que pode suportar coisas, não simplesmente com resignação, mas com fervorosa esperança. É a qualidade que mantém o homem em pé com o rosto voltado contra o vento. É a virtude que pode transmutar a provação mais difícil em glória, porque vê o alvo mais além da dor (SOARES, Josué de Asevedo. 2018, p. 58)

Soares argumenta que, se Paulo não acreditasse na ressurreição física, logo, o mesmo não perseveraria na fé, pois a perseverança na fé em Cristo é o sinal na crença da ressurreição corporal do Mestre e de seus seguidores. Logo, se não se crer na ressurreição dos crentes, não é necessário perseverar por algo que não se acredita. “É vã a vossa fé” (1Co 15:14).<sup>53</sup>

Para a igreja, Paulo lembra os leitores, e primeiramente Timóteo na segunda carta intitulada para o mesmo, que Cristo ressuscitou dos mortos. Este é um exercício indicado pelo apóstolo para Timóteo, quando este estivesse passando por provações e perseguições, e combatendo as heresias propagadas pelos falsos mestres. “lembra-te que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos...” (2Tm 2:8). Este exercício de lembrar da ressurreição de Jesus dos mortos não está no passado, mas que é algo presente hoje e motivo de esperança para todo aquele que crer.<sup>54</sup>

Portanto, para concluirmos, podemos afirmar que a ressurreição não é um ato secundário na fé cristã, mas ela é a esperança de todo cristão, pois através da ressurreição de Jesus, todo crente tem a plena certeza que ele não permanecerá morto, mas ressuscitará assim como aconteceu com seu mestre. A ressurreição e perseverança caminham juntas, se retroalimentando. Por isso, o ato de crer que todas as coisas que acontecem neste solo terrestre não serão em vão no Senhor, mas é um caminho a ser trilhado para a eternidade espiritual, física e corporal.<sup>55</sup> Podemos concluir que: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós.” (Rm 8:18)

---

<sup>52</sup> SOARES, Josué de Asevedo, "E por último apareceu também a mim" p. 57

<sup>53</sup> SOARES, Josué de Asevedo, "E por último apareceu também a mim" p. 59

<sup>54</sup> SOARES, Josué de Asevedo, "E por último apareceu também a mim" p. 59

<sup>55</sup> SOARES, Josué de Asevedo, "E por último apareceu também a mim" p. 60

## 5. Conclusão

O artigo apresenta uma análise histórica e teológica da doutrina da ressurreição no contexto da igreja primitiva, abordando suas raízes judaicas, helenísticas e cristãs. Inicialmente, destaca-se que Jesus anunciou a chegada do Reino dos Céus, no qual a ressurreição está implícita, embora não detalhada verbalmente, sendo sua própria ressurreição o fundamento da fé cristã. No judaísmo do período, havia divergências: os saduceus negavam a ressurreição por considerarem o tema ausente do Pentateuco e potencialmente associado à necromancia; os gnósticos a rejeitavam por compreenderem o corpo como prisão da alma; e os fariseus defendiam uma ressurreição corpórea futura, em harmonia com textos proféticos. A igreja primitiva, por sua vez, afirmou a ressurreição literal baseada no testemunho ocular da ressurreição de Jesus, tornando esse ensino o centro da fé cristã. O livro de Atos evidencia que a pregação apostólica estava fundamentada na ressurreição, vista como real, corpórea e escatológica.

A segunda parte do artigo analisa o texto de 1Coríntios 15.35-49. Paulo responde ao ceticismo sobre a ressurreição utilizando analogias agrícolas para demonstrar que a morte é condição para a transformação do corpo. O apóstolo distingue entre corpos terrestres e celestes e, sobretudo, entre corpo “psíquico” (soma psychikon) e corpo “espiritual” (soma pneumatikon), categorias frequentemente mal interpretadas. A ressurreição não implica abandono do corpo, mas transformação deste pelo Espírito, conforme destacado por estudiosos como N. T. Wright e Gordon D. Fee. Paulo compara Adão, representante da vida psíquica e mortal, com Cristo, o “último Adão”, cuja ressurreição inaugura uma nova humanidade pneumática. Assim, o texto conclui que a ressurreição, para Paulo e para a igreja primitiva, é corpórea, transformada e fundamentada na obra do Messias ressuscitado, em contraste direto com visões helenísticas e gnósticas.

Por fim, a última parte do artigo trouxe aplicações para a vida do cristão contemporâneo, unindo aos exemplos de cristãos do primeiro século, que viveram suas experiências de fé baseadas na esperança na vida futura, mesmo em meio ao caos e perseguições. Todo professante da fé cristã tem por sinal a esperança da glória que será revelada em si, desta forma, o exercício diário para o crente é a lembrança de que há uma vida para ser percorrida neste solo, mas sempre apontando para a glória do porvir.

## Referências bibliográficas

BASTOS, Levy da Costa. O futuro na Promessa: Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 195-212, jan.-abr. 2018. Disponível em: [Insira o link de acesso]. Acesso em: [Insira a data de acesso].

BEALE, G. K. **O templo e a missão da igreja**: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2021.

BLANK, Renold. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição**. São Paulo: Paulus, 2003.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2020.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo**. São Paulo: Candeia, 1989.

CORBELLINI, Vital. A fé na ressurreição da carne em Tertuliano. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 55-68, 2007. Disponível em: [Insira o link de acesso]. Acesso em: [Insira a data de acesso].

FEE, Gordon D. **1Coríntios: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

MOLTMANN, Jürgen. **A vinda de Deus: escatologia cristã**. Tradução de Constantino Ruiz-Garrido. São Paulo: Loyola, 2003.

PAVANI, Roney Marcos. Gnosticismo: do autoconhecimento à heresia (séc. I – III). **Revista Rumos da História**, [S.l.], v. 3, p. 29-48, 2021.

SANTOS, Eduardo da Silva. **A Ressurreição da Carne**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

SOARES, Josué de Asevedo. **"E por último apareceu também a mim"**: a visão de Paulo sobre a ressurreição após o encontro com Jesus no caminho de Damasco. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

WRIGHT, N. T. **A ressurreição do Filho de Deus**. São Paulo: Paulus, 2020.